

Tradução cultural, intersemiótica e *Négritude* nos poemas de Bruno de Menezes e de Léopold Sédar Senghor: Modernismo afro-paraense em *Batuque* e *Les Éthiopiennes*

Mariana Janaina dos Santos Alves (UNIFAP)*

Resumo

Este trabalho apresenta os resultados parciais dos estudos referentes ao levantamento teórico e o início das análises realizadas no projeto de pesquisa “Tradução cultural, intersemiótica e *Négritude* nos poemas de Bruno de Menezes e Léopold Sédar Senghor: modernismo afro-paraense em *Batuque* e *Les éthiopiennes*” desenvolvido na Universidade Federal do Amapá- *Campus* Binacional de Oiapoque. O projeto tem como objeto principal a análise de duas obras da literatura moderna. A primeira, o livro de poemas *Batuque* de Bruno de Menezes (1924), autor pertencente à literatura brasileira moderna paraense, mais especificamente da produção poética do Extremo Norte no início do século XX, e a segunda, o livro de poemas *Les éthiopiennes* (1956) de Senghor, retirado do acervo *Oeuvres poétiques* da literatura africana francófona. O recorte feito para a análise dos poemas tem como objeto aqueles que foram escritos no período de 1924 a 1956 pelos autores supracitados para observar como a produção poética da época traduziu movimentos políticos literários, tais como o Modernismo brasileiro e a *Négritude* africana, valendo-se de dialetos, sinestésias, traduções culturais e intersemióticas nos textos. A coordenação do projeto também prevê, durante o ano de 2015, a realização de um curso extensão para efetivamente expandir os estudos teóricos realizados durante o ano de 2014 aos acadêmicos do curso de Letras do *Campus* Binacional – que se encontra em fase de implantação – e também aos professores de língua e literatura francesa de escolas públicas, demais pesquisadores e interessados na área da linguagem, tradução e cultura.

Introdução

O presente artigo apresenta o início dos estudos realizados no projeto homônimo desenvolvido no *Campus* Binacional de Oiapoque, no Colegiado de Letras, da Universidade Federal do Amapá. O projeto registrado junto ao departamento de pesquisa da instituição, UNIFAP, integra também a linha de pesquisa *Literatura: interpretação, circulação e recepção* do programa de Doutorado em Letras da Universidade Federal do Pará. O período de duração para efeito de registro, a priori, é de um ano, e dentre as áreas temáticas de estudo, destacam-se as análises que versam sobre a literatura, mais especificamente com recorte sobre o século XX; o Modernismo brasileiro na literatura paraense, as reflexões sobre a interculturalidade e as formas de manifestação artística sob o aspecto da tradução cultural e intersemiótica e o movimento da *Négritude* presentes nos poemas dos dois autores relacionados.

A pesquisa, a princípio, propõe um levantamento teórico e o início das análises sobre os temas supracitados nos poemas de Bruno de Menezes e Léopold Sédar

* Não veio nota de rodapé autor

Senghor e tem como objeto principal duas obras da literatura moderna. A primeira é o livro de poemas *Batuque* de Bruno de Menezes (1924), da literatura brasileira, e a produção poética do Extremo Norte no início do século XX, e a segunda, o livro de poemas *Les éthiopiennes* (1956) de Senghor, retirado do acervo *Oeuvres poétiques* da literatura africana francófona. O recorte feito para a análise dos poemas tem como objeto aqueles que foram escritos no período de 1924 a 1956 pelos autores supracitados, no sentido de observar como a produção poética da época traduziu movimentos políticos literários, tais como o Modernismo brasileiro e a *Négritude* africana, valendo-se de dialetos, sinestésias e traduções nos textos.

A necessidade de realizar esta pesquisa surgiu com a socialização dos estudos sobre tradução cultural e identidade realizados pelo grupo *Transculturização e tradução em narrativas na América Latina* (CNPq), coordenado pelo Prof. Dr. José Guilherme Fernandes, no Programa de Pós graduação em Letras da Universidade Federal do Pará em 2011. Essa ideia se edificou durante a disciplina *Estudos de literatura da Amazônia*, ministrada no mesmo ano no Mestrado de Letras, na qual se identificou por meio de um artigo escrito para o III Congresso Internacional de Estudos Linguísticos e Literários na Amazônia – CIELLA – que são poucos os estudos comparados entre textos poéticos da literatura brasileira e africana/ francófona publicados no Brasil, e que as pesquisas das obras supracitadas sob o viés da tradução cultural, em grande parte, consideram somente os temas relativos ao africanismo, ou se restringem a análise em caráter linguístico.

Dada a constatação, por meio da leitura da obra de Bruno de Menezes (1924), assim como a de Senghor (1956), relevaram-se os aspectos imprescindíveis para o estudo do texto poético e a necessidade de expandir as produções sobre a perspectiva da tradução, bem como seus desdobramentos, de acordo com as leituras propostas por Walter Benjamin nos escritos *Tarefa do tradutor* (2008), Rosemary Arrojo em *Tradução, construção e psicanálise* (1993) e Paul Zumthor em *Introdução à poesia oral* (2010), apenas para identificar alguns autores, uma vez que o tema pode ser analisado por outras vertentes teóricas, como as da tradução cultural e intersemiótica. Para a primeira Claude Calame (2007) e Júlio Plaza (1987), e para a segunda, Hommi K. Bhabha (1998).

Considerando o recorte teórico apontado, importa destacar que as pesquisas em literatura da Amazônia, em sua maioria, limitaram-se à leitura dos poemas no aspecto individual das obras, e poucos são os estudos em nível de graduação *stricto sensu* que usam como método o estudo comparado, principalmente na área da literatura brasileira e da africana francófona. Por esse motivo, e também pela necessidade de expandir as pesquisas que tratam a literatura como analogia sincrônica, considerando o escritor como um tradutor simultâneo de seu tempo, seja na poesia ou em qualquer outro gênero literário, decidiu-se iniciar a busca realizando um caminho inverso do

frequentemente usado pela Teoria e Crítica literária. Primeiramente, optou-se em evidenciar dois autores distintos, não pertencentes ao cânone literário de seus países, pois ambos têm a sua obra situada em período de consagração e, segundo, por considerar que no *Campus* Binacional do Oiapoque tem-se a oferta de uma graduação em Letras em fase de implantação na região de fronteira entre o Brasil e a Guiana Francesa, favorecendo o desenvolvimento das pesquisas sobre a Transculturalidade e a reflexão que envolve o processo de tradução cultural, assim como as trocas entre os dois países que, nesta região, é exemplificada por meio das línguas faladas e escritas, e o *status* que cada uma recebe além do discurso que se constrói histórica e socialmente entre as duas nações, separadas fisicamente por um rio.

É fato que cada obra, de acordo com a leitura de seus escritores, recebeu diversas nuances e propostas interpretativas consoantes a cada período de publicação. E que essas obras apresentam em suas estruturas elementos específicos da cultura popular, que englobam, por exemplo, o vocabulário, as especificidades de um movimento político no intuito de representar a identidade dos povos. Assim como discutir entre seus versos os questionamentos que a bem dizer são ilustrados nas obras pelo conjunto das traduções intersemióticas e informações extratextuais concebidas no universo subjetivo de cada escritor.

Ambos os poetas apresentam nos poemas caracteres que elucidam a realidade social de um período, assim como as marcas da língua oral como forma de expressão da cultura popular e que apresentam de maneira autêntica as imagens poéticas da natureza humana, aspectos variados da música em cantos e percussão, danças, e costumes que reproduziam a estrutura social diferenciada pela mistura das línguas, modos de viver dos afrodescendentes no início do século XX. Conforme explica Paul Zumthor sobre a *cultura hegemônica* e as *subalternas*, estas últimas exercem uma forte função histórica: a de um sonho de desalienação, de reconciliação do homem com o homem e com o mundo, pois, “elas dão sentido e valor à vida cotidiana, o que não implica em sua identificação com as ‘tradições populares’ [...]” (Zumthor, 2010, p. 20). A desalienação, neste caso, encontra-se atrelada ao processo de construção identitária, assim como os de valorização da própria cultura em detrimento da europeia.

1. Nas sendas da tradução, do Batuque e das línguas...

Assim, entende-se no início desta pesquisa, o conceito de tradução *inter* segundo Plaza; “[...] na tradução intersemiótica, como tradução entre os diferentes sistemas de signos, tornaram-se relevantes as relações entre os sentidos, meios e códigos” (PLAZA, 1987, p. 45), porém no decorrer dos estudos, há de se considerar para a análise da obra poética, outros conceitos que privilegiem as peculiaridades da cultura e os aspectos da originalidade apresentados na literatura moderna. Nesse sentido, destaca-

se que as obras escolhidas apresentam em seu acervo poesias que foram escritas para serem acompanhadas de instrumentos de percussão, tais como tambores, maracás¹ e chocalhos, que, conforme a definição do autor, interligam a poesia, a música e a performance nos textos. A poética configura durante a leitura uma canção expressa pelo ritmo e sonoridade, que amplia os aspectos orais impressos pela escrita por meio da relação entre os sons e as imagens que remetem ao processo de criação e aos espaços apresentados nos poemas.

Ao considerar o texto poético como também um processo de tradução entre as culturas, desta vez mais precisamente da cultura afrodescendente, elas mesmas são derivadas em si e representam aspectos variantes das manifestações artísticas e que coincidem histórica e socialmente. Ou seja, as traduções apresentadas nas obras, e o olhar dos tradutores evidenciam por meio das leituras elementos da linguagem de caráter intersemiótico e da expressão material nos textos. Dessa maneira, o pensamento apontado pelo eixo moderno, com recorte entre os anos de 1922 a 1956, propõe na linguagem a interação comunicativa entre os sistemas literários e intersemióticos. E, é justo o trânsito entre o pensamento subjetivo e o tempo presente que geram a possibilidade de transpor a fronteira do eu para o outro, realizando a expressão maior; a comunicação por meios de sistemas diferenciados.

O estudioso Júlio Plaza ao abordar a tradução como *poética sincrônica* afirma que a operação tradutora como trânsito criativo de linguagens nada tem haver com a fidelidade, “pois ela cria sua própria verdade e uma relação fortemente ramada entre seus diversos momentos, ou seja, entre passado-presente-futuro, lugar-tempo onde se processa o movimento de transformação de estruturas e eventos” (PLAZA, 1987, p.1), ou seja, no processo de montagem da imagem no que se refere ao texto poético, ele mesmo pode ser tomado para análise como tradução poética, cultural e intersemiótica.

Interessa dizer também que este projeto não analisa restritamente os usos da linguagem de um texto ao outro, tão pouco faz a mera comparação temática entre as línguas e seus parâmetros, mas sim procura verificar a maneira como os autores, na sua época, traduziram conceitos condizentes com o seu período histórico, bem como elucidaram nas suas obras caracteres culturais influenciados pelas correntes de pensamento e seus questionamentos identitários.

Nesse contexto, o movimento da *Négritude* merece destaque. O termo foi usado

¹ Para melhor compreender o instrumento, apresenta-se a definição dada pelo dicionário Houaiss da Língua portuguesa para o vocábulo: Definição um: Rubrica: etnografia. Regionalismo: Brasil: Maracá; chocalho indígena usado em festas, cerimônias religiosas e guerreiras, que consiste em uma cabaça seca, desprovida de miolo, na qual se metem peças ou caroços: bapo, maracaxá, xuatê. Definição dois: Rubrica: música. Regionalismo Brasil. Maracá: Chocalho que funciona como instrumento rítmico no acompanhamento de determinadas músicas e danças.

pela primeira vez por Aimée Césaire no *Cahier d'un retour au pays natal*² em 1939 e Senghor logo o utilizou em um de seus poemas, *Chants des Ombres*³ no mesmo ano. O movimento da *Négritude* designava um grupo de escritores guianenses, e outros escritores e intelectuais vindos de departamentos franceses - que antes eram colônias, como as Antilhas – este grupo estudava em Paris, na Sorbonne, no final dos anos 30. A classe de escritores publicou seis números das revistas *L'étudiant Noire*⁴ (1934-1940) e *Légitime Défense*⁵ (1932) que apresentavam textos que discorriam sobre o tema da legitimação e da cultura negra.

A proposta do movimento intelectual e literário da *Négritude* foi decisiva para a formação de uma geração de escritores ligados à valorização da cultura afrodescendente, dos idiomas e dialetos, e ainda formou autores em gêneros literários diversificados, que publicaram livros de poesia, romances e peças de teatro. De modo geral, os textos são marcados pela oralidade e abordam temas do cotidiano dos povos colonizados, tais como o lamento, a dor, a religiosidade e o comportamento.

O pesquisador János Riesz⁶ afirma que o termo *francofonia* é usado como designação da política cultural e linguística francesa que, desde a independência da maioria das colônias africanas por volta de 1960, tem vindo a substituir a política colonial de assimilação, e por último, cultura africana como um conjunto de exigências do movimento *Négritude* contra política de assimilação e tudo aquilo para que a política de francofonia pós-colonial e os discursos por ela gerados (e que simultaneamente a geram também) se destinam a enquadrar e encenar (Riesz, 2001, p.149). E, para que não haja confusão entre os termos Francofonia e *Négritude* explica-se que o primeiro, quer designar um grupo de pessoas e espaços socioculturais que utilizam a língua francesa como meio de comunicação, integração e compartilhamento intelectual pelo mundo e não somente entre as colônias. O segundo, por sua vez, propõe o uso da língua francesa aliado às línguas africanas e dialetos como espaço de reivindicação e consolidação da identidade negra.

Dentre os aspectos mais relevantes, os quais Senghor se dedicou durante o movimento há de se destacar como objetivos: 1) a defesa da cultura africana em face da discriminação e um desprezo de séculos, elogiando em contrapartida a sua beleza, o seu humanismo e suas conquistas *civilizacionais* e seus efeitos culturais (*Négritude*); 2) o reconhecimento da necessidade de o Senegal, à semelhança de todo continente

² Tradução nossa para o português: Caderno de retorno à terra natal.

³ Cantos das Sombras.

⁴ O Estudante Negro.

⁵ Legítima Defesa.

⁶ No texto *Négritude, francofonia e cultura africana: Léopold Sédar Senghor como paradigma* publicado na revista *Africana Studia*, nº 04, 2001, p 149-162.

africano, se associar aos novos tempos da civilização técnico-científica, tirando, dessa forma, o máximo de proveito da situação colonial, de modo a não deixar, portanto, que se rompam os laços com a antiga potência colonizadora, mas, pelo contrário, beneficiando-se da língua francesa e de instituições e organizações francófonas para obter aliados e ter acesso aos processos globais de trocas e intercâmbios comerciais (Francofonia); e 3) a visão do futuro ou utopia do continente africano e do Senegal que mantém a cultura africana, mas que se abre também às influências vindas de fora, não temendo nem a mestiçagem biológica nem cultural e que, pelo modo como defende e se atém aos valores e às tradições, se torna um parceiro interessante e atraente aos olhos do resto do mundo (Cultura africana).

Explicadas essas questões, o projeto analisa materialmente os poemas modernos da literatura brasileira e africana francófona, com o objetivo de verificar o caráter que as literaturas assumiram, no período dos anos 30 e 50 do século XX; e o contexto polissêmico que permitiu a recepção no país de outras obras que pertenciam ao mundo. Por isso, escolheram-se os poemas que trazem o tema da negritude, as reflexões sobre o homem, as imagens obscuras dos sentimentos controversos e as influências do africanismo em Bruno de Menezes e Léopold Sédar Senghor. Pretende-se, desta forma, analisá-los em seu caráter inovador, especialmente no que se refere ao uso da linguagem e, até mesmo, símbolos para a representação das humanidades.

Há de se considerar também, os poetas como leitores de seu tempo, e atores de espaços diferenciados que convergiram para o mesmo ponto: a representação social de um indivíduo quanto ao seu local de pertencimento. Com efeito, a pesquisa entende as *fronteiras* não como limites, mas sim etapas de um processo de conhecimento, de contato entre culturas que não se reduz a simples troca de informações, mas ao compartilhamento de experiências realizadas histórica e socialmente num determinado tempo e espaço por um indivíduo ou vários.

Ademais, elenca-se aqui, a *metáfora da fronteira*, pensamento ilustrado por Hommi K. Bhabha em seu livro *O local da cultura* (1998) para explicar o uso do termo *entre lugar*. O termo usado pelo autor diz respeito ao modo como as pessoas utilizam estratégias de subjetivação e, como estas dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade. Os intercâmbios feitos de uma cultura para a outra são meios que permitem reconhecer elementos estrangeiros no sentido de captar caracteres oriundos da cultura de um lugar e sua adaptação em outro (BHABHA, 1998, p.19). A literatura quanto manifestação artística traz consigo todo um conjunto de significados que são construídos por meio da língua que é um corpo de prescrições e de hábitos, comuns a todos os escritores de uma época. Isso quer dizer que a língua é como uma Natureza que passa inteiramente através da fala do escritor, sem, contudo dar-lhe forma alguma e nem sequer alimentá-la, nas palavras de Roland Barthes “é como um círculo abstrato

de verdades fora do qual – e somente fora dele – começa a depositar-se a densidade de um verbo solitário” (BARTHES, 1971, p. 19).

A pesquisa proposta legitima-se, portanto, pelo seu teor transcultural aliado aos saberes reunidos pela Literatura Comparada, Crítica literária e Estudos culturais, mas também, e principalmente, por expandir as pesquisas realizadas no âmbito da tradução cultural, intersemiótica e recepção de textos poéticos amazônicos e francófonos, no sentido de discutir na região de fronteira do Brasil com a Guiana Francesa suas respectivas literaturas, para dessa forma, legitimar a proposta binacional do *Campus* de Oiapoque, e também, relacionar os estudos em caráter interinstitucional ao programa de pós-graduação em Letras, *strictu sensu*, da Universidade Federal do Pará.

Pretende-se assim, desenvolver no âmbito da pesquisa literária sob a perspectiva da leitura, interpretação e recepção da literatura brasileira e africana francófona, a análise de uma das obras mais importantes da literatura moderna amazônica aliada ao estudo das traduções intersemióticas propostas pela sonoridade dos poemas que versam sobre magia, lamento, negritude, dor, feitiço e comportamento. Toda forma, segundo Barthes, é também um valor; por isso, entre a língua e o estilo, há lugar para outra realidade formal: a escritura, pois, em toda e qualquer forma literária, existe a escolha geral de um tom, de um etos, por assim dizer, e é precisamente nisso que o escritor se individualiza claramente porque é nisso que ele se engaja (BARTHES, 1971, p.23).

Além destes pontos, vale-se para análise desta obra, a aplicação da Literatura Comparada, quanto método, para a leitura dos poemas do escritor senegalês Léopold Sédar Senghor, nos quais a obra versa além dos temas elencados, sobre movimento intelectual e de independência literária, conhecido como *Négritude* (LOUIS, 2007). A escritura de um poema exerce a função de criação da sociedade, de modo que a linguagem literária é destinada aos processos de compreensão e expressão humanos.

No mais, diversos estudiosos têm se dedicado a refletir sobre os debates direcionados à tradução, como também e principalmente, àqueles que se definem no campo dos Estudos Culturais com o propósito de se verificar o uso do termo *tradução cultural* na atualidade, há de se pontuar entre as tendências contemporâneas que têm se voltado cada vez mais, a realizar a comparação entre a literatura e as áreas da cultura e identidade. O objeto literário tem recebido novas perspectivas de análise, cruzamentos e olhares, contribuindo para a diluição do paradigma de que a comparação ocorre apenas de um texto para o outro.

Dentre os objetivos da pesquisa, pretendem-se compartilhar as investigações a respeito da tradução cultural na poesia, valendo-se da literatura franco-brasileira, junto a acadêmicos, pesquisadores e profissionais ligados à área da literatura, da história e da cultura, tais como professores, pesquisadores, acadêmicos de Letras e outros profissionais interessados. E, no decorrer da pesquisa bibliográfica e com as análises

que serão constituídas por meio do estudo das obras, há previsão de participação em eventos de caráter acadêmico científico, e ainda, um curso a ser ministrado em 2015 no *Campus* Binacional do Oiapoque para a realização da extensão da referida pesquisa.

2. Da leitura, dos sentidos, e da Teoria literária

As obras, que são contemporâneas umas às outras, ocorreram em espaços culturais diferentes, e ainda sim, apresentam singularidade no que tange a construção poética e as abordagens que traduzem a cultura popular, assim como os saberes dos povos compartilhados por meio da linguagem e usos da poética para a tradução intercultural. Conforme a leitura de Calame sobre a tradução cultural “Le signifiant renvoie à un signifié de l’ordre de la pensée et de l’intelligible, indépendamment de toute référence à une réalité extra-discursive.” (CALAME, 2002, p.56). O significante não está preso unicamente a um sentido. Assim como os aspectos traduzíveis, ele depende também de uma referência extra-discursiva, mais ligada ao pragmatismo e ao tradutor. Diferente de uma cultura a outra, as categorias gramaticais, mais ainda, as denominações das coisas correspondem a maneiras de conceber o mundo. A natureza da linguagem e as categorias do pensamento implicam, em cada língua, singularmente em um sentido oculto, próprio dela.

A partir da perspectiva teórica escolhida, definidos os procedimentos metodológicos necessários à realização das etapas da pesquisa, buscar-se-á o aprofundamento dos referenciais de base, que nesta etapa, estão assim elencados: no que tange a Crítica da tradução e os Estudos Culturais, Arrojo (1993) e Bhabha (1998), aos estudos da Teoria Literária, Culler (1999) e Eagleton (1983), e da Recepção, Jauss (1994).

Além do aporte teórico a metodologia prevê, portanto, uma pesquisa bibliográfica inicial, com a leitura dos textos *Batuque* de Menezes, publicado pela primeira vez em 1931⁷ e *Les éthiopiennes* de Senghor publicado em 1956. E, conforme o traçado inicial, o projeto sustenta-se em uma base de cunho investigativo e outra articulada à pesquisa e publicação à medida que os estudos se desenvolverem. Dessa forma, a problemática apontada sobre as *Traduções culturais, intersemióticas* e a discussão sobre a *Négritude* mostram a relevância deste movimento para o fortalecimento de uma literatura independente, não presa a um molde cultural pré-concebido por um cânone restrito a uma região ou a uma elite intelectual reduzida, mas sim, à

⁷ Há controvérsias sobre a data da primeira publicação desta obra que já foram apontadas em outros estudos, tais como a dissertação de mestrado *Entre poéticas e batuques: Trajetórias de Bruno de Menezes* (2012) e *Amazônia: Vozes em Negritude* (2010). Para este projeto de pesquisa serão usadas as seguintes referências: MENEZES, Bruno de. *Batuque*. 7 ed. Belém, SECTAM, 2005 para a análise dos poemas, mas também MENEZES, Bruno de. *Batuque*. 4 ed. Belém: Ed. Veterinária, 1953, esta última, com uma análise da dedicatória do autor para a escritora Eneida de Moraes.

incorporação das culturas e ao trânsito para a efetivação de cada uma delas, de acordo com as escolhas de cada escritor.

Jean Marie Goulemot no texto “Da leitura como produção de sentido”, publicado no livro *Práticas de Leitura*, afirma que toda leitura é uma produção de sentido e que os textos são, por natureza, polissêmicos. Nas palavras do autor “Ler é dar um sentido de conjunto, uma globalização e uma articulação aos sentidos produzidos pelas sequências.” (CHARTIER, 2001, p. 108) e que de fato, o que dá sentido ao texto é o leitor. Assim, se consideramos as relações com o livro, tais como os contextos em que ele foi escrito e a recepção quando publicado, é possível observar as semelhanças entre as duas obras.

A primeira é que, *Les éthiopiennes* foi escrito no intuito de manifestar na obra literária a identidade de um povo por meio da inserção de diversos gêneros textuais e musicais para a formação de um objeto estético que, de fato, repercutiu junto à sociedade que o recebeu, projetando Senghor como o *poeta* da *Nêgritude* e legitimador de um discurso de independência e de fortalecimento da identidade africana. Por sua vez, o *Batuque* de Bruno de Menezes manifestou a história coletiva das classes subalternas, remanescentes dos indígenas e escravos da segunda metade dos anos de 1900, apresentando-se no contexto moderno como uma obra multifacetada, pois, alia em si variantes linguísticas, literárias e mostra na própria construção a pluralidade de vozes minoritárias e seus conflitos junto à sociedade.

Pode-se afirmar que as obras, uma escrita em Língua portuguesa, mas que apresenta palavras de origem africana no léxico dos textos, estas usadas frequentemente em festas de terreiro, rituais religiosos, cantares nativos de vocabulário específico regional, e a outra, escrita em língua francesa e que também apresenta no léxico, palavras da mesma origem, estas coincidem não em termos sinônimos, mas sim em estruturas compostas para a apresentação musical, assim como na intencionalidade de seus autores.

Com o intuito de se referir à mesma ideia de transcrição cultural por meio do texto poético, os escritores aceitam a mesma ordem de convenções nos poemas, e os usos da língua e suas variações são transmitidas por meio dos mesmos reflexos técnicos, modificada apenas em alguns aspectos devido aos temas de cada lugar que, todavia coincidem em uma mesma escritura. Eles produzem, de fato, fluxos textuais ligados à oralidade, naturais a cada idioma, e que trazem em si a reflexão e as escolhas do escritor para melhor representar sua identidade.

Em outras palavras, a literatura é usada em função das representações de uma sociedade não tão moderna e que pertence a um espaço cultural ligado diretamente com as suas origens religiosas e seus costumes. A maneira como os poemas foram escritos constitui uma escolha que reúne fatores como os empréstimos linguísticos para legitimar a função da língua quanto expressão de um povo, e quiçá melhor ilustrar determinados ideais e estímulos sociais dando ao texto uma realidade ambígua.

A poesia moderna, segundo a explicação de Silviano Santiago “é ao mesmo tempo presente, tradicional e utópica” (SANTIAGO, 1989, p.220-221), pois, o poeta num só e único movimento se deixa envolver e se distancia dos objetos que o atraem e é dessa forma que classifica e desclassifica o tempo histórico, ao mesmo tempo em que o harmoniza à descontinuidade contínua da tradição e da ruptura. O poeta moderno simplesmente dá voz a uma prosa que já existe na fala das coisas, constituindo um campo de saber epidérmico, profundo e autoritário, saber este que abolindo o sujeito e o objeto, ou melhor, propondo como superiormente hierárquica a escritura humana, não consegue distinguir com clareza onde se rompe o elo entre a palavra e as coisas, já que tudo é linguagem.

Há um presente artístico nas obras e que permite que elas sejam lidas e criticadas com o passar dos anos, e este trabalho, torna material o funcionamento da obra quanto literária. Os poemas associados aos ideais de seus escritores tornam-se estratégias para a leitura do mundo e dão como característica à obra especificidades que permitem que ela seja interpretada de forma atemporal e dinâmica, mesmo que seus leitores pertençam a outras partes do mundo e outras épocas da história.

O confronto das ideias do escritor e os paradigmas sociais ilustram quanto a literatura é atemporal e independe de formas literárias ou estilos para ter valor artístico, além de ser um instrumento que traz nas palavras significados que antes foram incorporados e utilizados por um grupo de pessoas, e que ainda hoje podem ser interpretados das maneiras mais distintas. Como explica Roland Barthes “[...] a escritura continua cheia da lembrança de seus usos anteriores, porque a linguagem nunca é inocente: as palavras têm memória segunda que se prolonga misteriosamente em meio às significações novas” (BARTHES, 1971, p. 26) para dizer que a escritura é esse compromisso entre uma liberdade e uma lembrança; e é essa liberdade *lembrente* que só é liberdade no gesto da escolha, mas já não o é mais na sua duração.

Nos estudos comparatistas, consideraram-se os estudos de Tânia Franco Carvalhal para se entender como as exposições dos gêneros literários, movimentos e gerações em um determinado país, não são comparativas em si mesmas. As noções de gênero, movimentos, *escolas*, gerações e etc., estão implícitas em nossa ideia de literatura a história literária; elas estão dentro e não fora da literatura (CARVALHAL, 2003, p. 179). Portanto é essencial que o texto literário seja pensado não como um mero classificador de informações, e que simplesmente apresenta pistas sobre os aspectos inerentes à vida e à arte de uma época, mas sim, um conjunto de informações preciosas e escolhidas pelos seus tradutores, ou seja, escritores.

A escolha da Literatura Comparada como método tem também como objetivo desenvolver melhor a compreensão e a leitura atenta das obras como um todo, em vez de um segmento departamental ou vários fragmentos isolados, por isso, este

processo normalmente lida com a relação de apenas dois países ou dois autores de nacionalidade diferente.

Literatura é linguagem na qual os diversos elementos e componentes do texto entram numa relação complexa (CULLER, 1999, p. 36), sendo assim, provocar leituras por meio das estruturas poéticas em diferentes níveis permite a interpretação em seu próprio *corpus* linguístico e a *literariedade* integra-se à linguagem. A projeção do mundo ficcional desenvolvida no momento específico da ação linguística constitui a elaboração de um poema que permite, por exemplo, que as relações, reais ou ficcionais, sejam interpretadas pelo leitor, e os modos de leitura estejam de acordo com as situações de mundo. Pois, a ficcionalidade da literatura separa a linguagem de outros contextos nos quais ela poderia ser usada e deixa a relação da obra com o mundo aberta à interpretação.

Segundo Jonathan Culler, “A literatura é o ruído da cultura assim como sua informação. É uma força entrópica assim como um capital cultural. É uma escrita que exige uma leitura e envolve os leitores nos problemas de sentido” (CULLER, 1999, p. 47). Além disso, os estudos comparativos levam em conta a produção e recepção das obras, e respondem a uma necessidade contextual e a um espaço determinado. Nas palavras de Carvalhal, “A estratégia que define ‘o lugar de onde se fala’ é tão significativa que se converteu em objeto de reflexão para muitos estudiosos e, poder-se-ia mesmo dizer, em uma espécie de categoria crítica” (CARVALHAL, 1996, p. 58). Os textos literários recebem por sua vez leituras subjetivas, dadas por seus tradutores, articuladas nas diferenças culturais. A tradução de questionamentos, conceitos, identidade, religiosidade e cultura exemplificam-se nas obras contrapondo relações sociais e interculturais.

Sob o viés da Teoria e Crítica Literária de Terry Eagleton, as significações variam ao longo da história, ao passo que os sentidos permanecem constantes; os autores dão sentidos às suas obras ao passo que os leitores lhe atribuem a sua significação (EAGLETON, 1997, p. 92) e a intenção do autor está sempre determinada na complexidade textual. Além disso, na linguagem há um significado social, um sentido real que pertence, antes, à sociedade, e a obra enquanto literatura jamais deixa de ter seu valor histórico, artístico e literário.

A leitura é momento de consagração que reúne simultaneamente num diálogo ambos os mundos: primeiro o da obra e, segundo, o da recepção dela. O ato de ler renova, ou para usar as palavras de Walter Benjamin sobre *A tarefa do tradutor* (2008), *atualiza*. E, de acordo com Terry Eagleton “O entendimento ocorre quando nosso ‘horizonte’ de significados e suposições históricas se ‘funde’ com o ‘horizonte’ dentro do qual a própria obra está colocada” (EAGLETON, 1997, p. 99), ou seja, atualmente no estudo do texto literário tem se considerado como parte essencial do processo de aquisição da linguagem poética, assim como a sua interpretação, o leitor,

que por sua vez, encontra-se diante de várias perguntas que serão respondidas ao longo da leitura, este considera ainda, a subjetividade e a compreensão dos códigos como parte deste processo de consagração.

Susan Bassnett ao discorrer sobre os processos de tradução e a influência dos fatores linguísticos, estes ligados à semiótica e às estruturas textuais, vale-se da teoria da Edward Sapir para afirmar que “a língua é um guia para a realidade social” (BASSNETT, 2003, p. 35) e que os seres humanos se encontram à mercê da língua que se tornou um meio de expressão da sociedade. Os hábitos linguísticos de uma comunidade são relevantes, pois, a língua não existe se ela não está inserida num contexto cultural, e não pode existir se não tiver no centro uma língua natural. Da mesma maneira que o tradutor não pode examinar um texto sem considerar a língua e a cultura a qual ele pertence, ou tentar analisá-lo de forma isolada, descontextualizada. Por esse motivo, optou-se em estudar as obras considerando o processo de tradução também como um processo de leitura.

Mesmo na teoria estruturalista de Robert Scholes, apontado por Susan Bassnett tem-se:

Cada unidade literária, desde a simples frase até a ordem global das palavras, pode ser entendida em relação com o conceito de sistema. Em particular, podemos considerar obras, gêneros literários e o conjunto da literatura como um sistema dentro do sistema maior da cultura humana (BASSNETT, 2003, p. 131).

Desta forma, relativizar ou a tentativa de reduzir as formas do texto poético à análise linguística seria, no mínimo, desprivilegiar a cultura e as outras manifestações artísticas apresentadas no conjunto da obra. Por isso, faz-se necessário expandir as leituras ao processo de tradução cultural, intersemiótica e da negritude dentre textos poéticos, assim como expandir as pesquisas relativas à recepção e à produção literária dos autores citados, no Brasil, com os poemas modernos da literatura paraense em Bruno de Menezes, mediante um estudo comparado da obra de Senghor.

Conforme Rosemary Arrojo “[...] a tradução de um poema, ou de qualquer outro texto, inevitavelmente será fiel a visão que o tradutor tem desse poema e, também, aos objetivos de sua tradução” (ARROJO, 1993, p. 24), pois, ao contrário de algumas teorias centralizadoras, o papel do tradutor não é de mero transportador de significados, e sim, há uma proposta que é ampliada a cada leitura. As trocas realizadas dentro da própria língua estão articuladas entre a escrita e sons de percussão, e que foram adaptadas aos modos de falar e às características da oralidade. Além disso, a manifestação popular é vista com eloquência na vivência dos afrodescendentes em festas de terreiro, ritmos e gestos que constituem no texto o processo de significação das palavras, provenientes dos dialetos e línguas africanas adaptadas à língua portuguesa e francesa nas sinestias poéticas.

Conclusão

Assim sendo, indicam-se neste artigo, assim como nos próximos trabalhos que constituirão este estudo desenvolvido na Universidade Federal do Amapá, as análises sobre a perspectiva da cultura, identidade e tradução, usando-se sempre como pressuposto o princípio de que a leitura dos poemas desencadeia o reconhecimento da cultura, da época e da vida em sociedade. Considerando-se a tradução de poesia como pontos de interpretação e que se interseccionam com vários tipos de imitação e derivação, conforme explica Susan Bassnett ao explicar o papel do tradutor, quando este trabalha na tradução de poesias de um idioma para o outro, nas palavras da autora, o tradutor continua a produzir “novas” versões de um dado texto, não tanto para atingir uma “tradução perfeita”, mas porque cada versão anterior, sendo determinada pelo contexto, representa uma leitura acessível à época em que foi produzida, e, além disso, é individual (BASSNETT, 2003, p.162). A leitura do texto seria o objeto real na perspectiva de tradução entre línguas e este aspecto individual, apresentado pelos autores, pode ser pensado ainda sob o viés dos significados característicos das poesias, assim como as escolhas dos tradutores.

Terry Eagleton ao discorrer sobre a tradução observa que o debate se tem desenvolvido na noção de que o texto é um determinado *dado*, centrando-se então a controvérsia em determinar que operações (livre, literal, recriativa) são necessárias para transformá-lo noutra. Graças à semiótica esta visão não é mais aceitável, pois, no conceito de intertextualidade, proposto por Eagleton, todo texto é em certo sentido uma tradução. Os textos são transformações de outros, dos quais pode até não estar totalmente consciente, e o poema constrói-se dentro desses outros textos, contra eles e percorrendo-os transversalmente (BASSNETT, 2003, p.166-167 apud. EAGLETON, 1997, p.72-73).

A proposta do tradutor cultural, portanto, deve-se libertar das restrições impostas pelas convenções que regeram a tradução em diferentes momentos da História e tratar o texto responsavelmente como ponto de partida para o metatexto ou a *leitura-tradução* (uma leitura interlinguística), uma vez que, como se deduz dos exemplos acima analisados, o processo de tradução ativa diferentes critérios, e todos envolvem necessariamente transformações expressivas à medida que o tradutor se esforça por combinar sua leitura pragmática com os ditames do sistema cultural de chegada.

Na literatura é possível compreender por meio da leitura das obras a cultura de um povo e a sua organização sem reduzir suas particularidades. As relações tornam-se acessíveis a partir do momento em que se entende as formas de pensar de uma época e a edificação de um estilo literário por meio do diálogo e da reflexão em torno da sociedade, bem como seus valores, crenças, costumes e manifestações linguísticas.

Cada verso é uma descoberta, um caminho que pode indicar sistemas simbólicos que permeiam a construção da identidade do sujeito quanto ser social e cultural.

Cabe ao leitor desvelar os sentidos por meio das imagens, da provocação, dos dialetos entre outros temas que remetem ao (re)conhecimento da cultura periférica do início do século XX para, dessa forma, iniciar um novo traçado crítico e literário: aquele que não se define entre os parâmetros dos cânones nacionais, sejam eles da literatura brasileira ou da africana francófona.

O propósito desta pesquisa constitui-se principalmente em discutir sobre temas supracitados, até este momento, delimitados nos domínios culturais para melhor entender os espaços e comportamentos apresentados de forma poética, bem como suas relações com as obras e contexto em que elas foram publicadas. Em segundo, ampliar a produção crítica nas pesquisas de Tradução em poesia, que se encontram condensados em estudos, na maioria das vezes, reduzidos à análise linguística, obliterando fatores importantes como, por exemplo, as questões sobre a problemática que envolve a Tradução e os Estudos Culturais aliados à leitura de poemas por meio da Literatura Comparada.

O desafio é longo, assim como os caminhos teóricos, principalmente, porque alguns deles não estão sob a égide da Teoria e Crítica Literária. Como exemplo, o próprio método comparativo aliado à Recepção Crítica que tem o leitor como parte integrante de um processo complexo que inicia na escolha das teorias da Tradução e seus desdobramentos, e ainda, a interpretação aliada às conexões pragmáticas, intencionais em cada obra.

Por isso, faz-se necessário durante a pesquisa observar os valores expressos em cada poesia e as vozes que questionam e também evidenciam pensamentos, que muitas vezes, foram caladas nos processos de colonização, ou ainda, foram suprimidas por discursos diletantes e que não representam a verdade de uma cultura ou de um povo. O papel da literatura, do tradutor, do pesquisador e, principalmente, dos leitores vai muito além do que ler o que está impresso nos livros. Em suma, esta tarefa consiste em desvelar de maneira independente um olhar, que desde antes fora proposto por uma sociedade que teve a sua cultura parcialmente suprimida e, por questões históricas e por vários fatores relacionados às formas de dominação, teve que minimizar suas formas de expressão humana, mas que em hipótese nenhuma foi reduzida ou esquecida por seus atores. Por fim, há muito ainda para se descobrir “na cadência do jongo do samba na onda que banza”, como diria o próprio poeta Bruno de Menezes no poema *Batuque*, assim como na poesia e na cultura. Que toquem os tambores, os guizos e as maracas de Menezes e Senghor.

REFERÊNCIAS

- ARROJO, Rosemary. *Tradução, desconstrução, psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- BARTHES, Roland. O que é escritura? In: *O grau zero da escritura*. São Paulo: Cutrix, 1971.
- BASSNETT, Susan. *Estudos de tradução: Fundamentos de uma disciplina*. Lisboa: fundação Calouste Gulbekian, 2003.
- BENJAMIN, Walter. *A tarefa do tradutor*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.197-220.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila. Eliana Lourenço de Lima Reis. Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- CALAME, Claude. *Interprétation et traduction des cultures*, Revista: L'Homme ,163 | juillet-septembre 2002. Disponível em: <http://lhomme.revues.org/index172.html>. Consultado em 18 de novembro 2011.
- CARVALHAL, Tânia Franco (org.). *Literatura Comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- CULLER, Jonathan. *Teoria Literária: Uma introdução. O que é literatura e tem ela importância?* p 26-47. São Paulo: Beca produções culturais LTDA, 1999.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: Uma introdução. Estruturalismo e semiótica*. p. 97-135. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- FARES, Josse. NUNES, Paulo. *Amazônia: Vozes em Negritude*. Revista: Mulemba. Rio de Janeiro: V.1, n.2, pp.111-117, janeiro-julho de 2010. Disponível em: http://setorlitafrika.letras.ufrj.br/mulemba/download/artigo_2_10.pdf. Consultado em: 19/11/2013.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à Teoria literária*. Trad. Sérgio Tellarolli. São Paulo: Ática, 1994.
- LOUIS, Patrice. *Conversation avec Aimé Césaire*. RLÉA, 2007.
- MENEZES, Bruno de. *Batuque*. 4ª ed. Belém: Ed. Veterinária, 1953.
- _____. *Batuque*. 7ª ed. Belém, SECTAM, 2005.
- PLAZA, Júlio. *Tradução intersemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

REIS, Marcos Valério Lima. *Entre poéticas e batuques: trajetórias de Bruno de Menezes*. Belém, 2012. Disponível em: <http://www.unama.br/mestrado/comunicacao/attachments/article/56/Entre%20po%C3%A9ticas%20e%20batuques;%20trajet%C3%B3rias%20de%20Bruno%20de%20Menezes.pdf>. Consultado em 18/11/2013.

RIESZ, János. *Negritude, francofonia e cultura africana*. Disponível em: http://www.africanos.eu/ceaup/uploads/AS04_149.pdf. Consultado em 25/11/2013.

SANTIAGO, Silviano. Para além da história social. In: *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SENGHOR, Léopold Sédar. *Oeuvre poétique*. Paris: Éditions du Seuil, 1990.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Belo Horizonte: Editora UFMG: 2010.